

O fim é melhor que o começo? O mito do dilúvio nas *Metamorfoses*, de Ovídio: mensagem de renovação para o amanhã

Hamilton Sérgio Nery de Medeirosⁱ

Resumo: O objetivo do nosso trabalho é apresentar um diálogo entre algumas versões do mito do dilúvio, o qual também se faz presente na obra *Metamorfoses*, do poeta Ovídio, e discutir sobre essa temática tão significativa para os povos da antiguidade. O dilúvio representou aos povos antigos noções de respeito e temor aos deuses; representou, sobretudo, a separação entre inícios e fins de diversas gerações, transmitindo a mensagem aos homens de que o fim é tão importante quanto o começo. Pois, este fim abre caminho para um novo ciclo, em que as divindades reorganizam o universo. Desta maneira, podemos estabelecer uma ponte de diálogo com os escritos do rei Salomão, no livro de Eclesiastes, parte da *Bíblia Sagrada*, no qual o autor repassa a ideia de que a criação divina vive em atividade constante, cíclica. Os materiais que serão utilizados para esse estudo são as *Metamorfoses*, a *Bíblia Sagrada*, e obras de teóricos como Detienne (1992), Eliade (2016), Kriwaczek (2018), Pierre Grimal (2013), dentre outros autores que trarão grandes contribuições para que possamos entender com um pouco mais de profundidade como essas narrativas desempenharam grandes papéis nas civilizações.

Palavras-chave: Mito. Dilúvio. Ovídio. Metamorfoses.

Is the end better than the beginning? The flood myth in Ovid's Metamorphoses: renewal message for tomorrow

Abstract: Our work aims to present a dialogue between some existing versions of the flood myth, which is also present in the work *Metamorphoses* by the poet Ovid, and a discussion about this theme so significant for the ancient peoples. The flood represented to the ancient people notions of respect and fear of the gods; It represented, especially, the separation between beginnings and ends of various generations, and it brought a important message to men that the end is as important as the beginning, if we start with a deeper analysis of the subject, accompanied by a philosophical look, as King Solomon shows us in the holy scriptures, more precisely in the book of Ecclesiastes. The materials that will be used for this study are the *Metamorphoses*, the Holy Bible, and works by theorists such as Detienne (1992), Eliade (2016), Kriwaczek (2018), Pierre Grimal (2013), among other authors who will make great contributions to let us understand a little more deeply how these narratives played great roles in civilizations.

Keywords: Myth. Flood. Ovid. Metamorphoses.

Submetido em: 29 out. 2019

Aprovado em: 12 nov. 2019



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Compartilha Igual 4.0 Internacional

DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101
EISSN 2237-0900

ⁱ Graduado em Letras Clássicas, pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: hamilton.438@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um paralelo entre algumas versões do mito do dilúvio, que também se faz presente na obra *Metamorfoses*, do poeta Ovídio, bem como uma discussão acerca dessa temática tão significativa para os povos da Antiguidade.

O dilúvio tornou-se um dos mitos mais famosos, devido à quantidade de versões que foram surgindo no decorrer da história da humanidade, como as versões mesopotâmicas, a versão bíblica e as que foram recontadas por autores como Ovídio, poeta latino, em sua obra intitulada *Metamorfoses*.

Nas *Metamorfoses*, o mito do dilúvio, presente no livro I, compreende os versos 253-312; nesta versão, o poeta narra uma grande catástrofe natural, cuja finalidade é a aniquilação de todos os homens que não praticam a piedade e, conseqüentemente, não perpetuam a crença nas divindades, o que não difere tanto da versão apresentada na *Bíblia Sagrada*, no livro de Gênesis.

Os passos que compõem nossa pesquisa estão organizados da seguinte maneira: na primeira seção, falaremos sobre a Antiguidade, os mitos e sua importância para as civilizações antigas, e sobre a religiosidade, dando ênfase à falta da *pietas*, um dos pontos culminantes para que os deuses tomassem a decisão de pôr fim à raça humana, com o dilúvio. Na segunda seção, faremos uma apresentação de uma das mais antigas narrativas acerca dessa temática: o dilúvio mesopotâmico. Ainda na segunda seção, apresentaremos o mito do dilúvio presente nas *Metamorfoses*, de Ovídio; por fim, na terceira e última seção, trabalharemos com as questões que envolvem o tema diluviano, através de uma análise literária de narrativas bíblicas do livro de Eclesiastes, escrito pelo rei Salomão, que nos transmite uma noção de movimento cíclico da criação divina, que nunca tem um fim, mas que tudo sempre retorna a sua origem para vir à tona novamente. Para um embasamento teórico, utilizaremos as seguintes obras: *Babilônia: a Mesopotâmia e o nascimento da civilização*, de Paul Kriwaczek (2018), *Metamorfoses*, de Ovídio (2017), a *Bíblia Sagrada* (2015), *A invenção da mitologia*, de Marcel Detienne (1992), e *Mito e realidade*, de Mircea Eliade (2016), que contribui com um olhar mais antropológico para nossa pesquisa.

A ANTIGUIDADE, OS MITOS E A RELIGIOSIDADE

A Antiguidade foi marcada por uma diversidade de acontecimentos, como o surgimento de grandes líderes governamentais, disputas territoriais, perseguições e catástrofes

ambientais, que serviram como uma forma de marcar no tempo o início bem como o fim de uma geração, de uma determinada época. Na Antiguidade, o homem utilizava-se de narrativas míticas para exemplificar as mais variadas questões, que envolviam desde a origem das coisas à falta delas ou desde o surgimento da vida à morte. Essas narrativas foram tão importantes que deram início às primeiras noções ligadas à religiosidade.

Grandes autores, como os gregos Homero e Hesíodo, e os latinos, como Virgílio e Ovídio, dentre outros que viveram nessa época, deixaram para nós suas obras ricas em detalhes, que abordam esses pontos, e manifestam uma verdadeira tradição relacionada aos mitos, deuses e crenças, despertando em seus leitores a curiosidade em conhecer cada vez mais esse vasto universo da Antiguidade.

OS MITOS

Desde o surgimento das primeiras civilizações, os mitos passaram a fazer parte da vida dos homens, que utilizavam essas narrativas para exprimir seus desejos, necessidades, suas posições na sociedade, bem como suas conquistas. Na obra intitulada *A invenção da mitologia*, Detienne nos diz que “hoje em dia, como outrora, todos parecem saber que não há povo cuja história não tenha começado com fábulas ou com a mitologia.” (DETIENNE, 1992, p. 9).

Trazendo questões de vários âmbitos, os mitos narram colheitas, escassez de alimento, doenças, cura e, também, uma gama de deuses, espíritos e demônios¹, os quais se mantêm vivos em nossas memórias. Nessa cultura mitológica da Antiguidade, os mitos também estavam relacionados à educação, ao trabalho e às questões fisiológicas humanas, como “a sexualidade”. (ELIADE, 2016, p. 51-52).

Com o passar do tempo, os mitos foram evoluindo e ganhando novos significados, novas funções, como a de exemplificar modelos de condutas a serem seguidos pelas civilizações, algo muito bem pontuado por Eliade através de sua visão antropológica dos mitos em *Mito e realidade*:

O mito se refere sempre a uma criação, contando como algo veio à existência ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar, foram estabelecidas; essa é a razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos (ELIADE, 2016, p. 22).

¹ Apresentamos aqui o termo como uma transliteração para *δαίμων*, palavra grega que pode ser traduzida por “deus”, “deusa”, “divindade” ou “espírito”, que serve para designar os seres que acompanham os homens com a finalidade de trazer o auxílio necessário para suas empresas.

Com isto, então, os mitos passaram a refletir nas civilizações modelos de paradigmas que deveriam ser praticadas por todos. Desta forma, os mitos começaram a desenvolver um teor mais didático que, mais tarde, refletiria diretamente nos escritos dos poetas, ao apresentarem narrativas sempre acompanhadas de exemplos de boas e más condutas, de piedade e impiedade, de benesses e castigos divinos; uma trama perfeita envolvendo a religiosidade, da qual falaremos na seção seguinte.

A RELIGIOSIDADE

Apesar de não termos algo concreto sobre a origem da religiosidade, uma certa datação cronológica de quando o homem passou a se relacionar com os objetos e seres sagrados, tudo nos leva a crer que a religiosidade nasceu com o mundo, pelo fato de que nos parece uma tarefa muito difícil a de dissociar do homem a busca incessante por tudo o que consideramos divino, sobre a existência de seres sagrados, se espíritos ou deuses nos acompanham ou se há vida após a morte.

Para que fosse estabelecida uma relação mais estrita com esses seres sagrados, os homens utilizavam rituais: cultos, ofertas de sacrifícios, preces etc. Essas práticas ritualísticas contribuíram com a propagação da religiosidade, e indicavam, principalmente, uma mescla de temor e respeito ao divino, que os gregos chamavam de *σέβας*.

Em *Mitologia grega*, Pierre Grimal nos informa que, a respeito dos deuses “é preciso honrá-los com sacrifícios, acalmar seus ressentimentos, ganhar suas boas graças por todos os meios.” (GRIMAL, 2013, p. 10). Através destes sacrifícios, o homem podia demonstrar o seu temor e respeito por esses seres sagrados, que logo respondiam, indicando, através de alguma manifestação, se aquele sacrifício tinha sido aceito ou não.

Para isto, podemos utilizar a religião grega como exemplo, na qual essa resposta divina ocorria da seguinte forma: quando se ofertavam animais em sacrifícios e eles se recusavam a seguir o caminho em direção ao abate, os povos antigos entendiam isto como um aviso dos deuses, de que aquele animal não deveria ser sacrificado, pois tal ação traria maus augúrios para quem o fizesse.

Os sacrifícios também fizeram parte da religião romana, e muitos relatos dessas práticas foram expostos pelos autores da época em suas obras. Um bom exemplo que temos dessa questão encontra-se nos versos 684 a 688, no mito de Báucis e Filêmon, presente no livro VIII das *Metamorfoses*, do poeta Ovídio. Os versos narram o momento em que o casal de camponeses, considerados justos pelos deuses Júpiter e Mercúrio – correspondentes romanos dos deuses gregos Zeus e Hermes –, decidem ofertar um ganso, único animal de

estimação que possuíam, em honra aos deuses que estavam sendo tratados como hóspedes em sua pequena choupana.

Tal narrativa mítica nos proporciona um pouco da dimensão do quanto estas práticas, bem como a religião, em sua totalidade, significavam para esses povos que viveram numa época tão apegada aos seus deuses, aos seus mitos; numa época em que a piedade era tida como algo fundamental e, ao mesmo tempo, tão natural do cotidiano deles.

PIETAS

Dentro da esfera religiosa, a *pietas* tomou forma com os mitos, exercendo um papel de destaque no cotidiano dos povos antigos. O termo *pietas* é um substantivo feminino do latim, que significa “sentimento que faz reconhecer e realizar todos os deveres envolvendo os deuses, os parentes, a pátria” (GAFFIOT, 2001, p. 560), cujo correspondente na língua grega é o termo *εὐ-σέβεια*, que significa “veneração ou respeito para com os deuses e os parentes; piedade.” (URBINA, 2014, p. 268). Também temos na língua grega o verbo *σέβω*, que significa “honrar os deuses”, “ser piedoso”. (URBINA, 2014, p. 533).

A piedade levou homens a prestar cultos aos seus deuses Lares², a erguer grandes templos para cultuar as divindades protetoras de cidades, oferecendo-lhes grandes sacrifícios em agradecimento por uma vida melhor:

Se o Templo constitui uma *imago mundi*, é porque o Mundo, como obra dos deuses, é sagrado. Mas a estrutura cosmológica do Templo permite uma nova valorização religiosa: lugar santo por excelência, casa dos deuses, o Templo resantifica continuamente o Mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo. Definitivamente, é graças ao Templo que o Mundo é resantificado na sua totalidade. Seja qual for seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários. (ELIADE, 2016, p. 34).

Ser piedoso para os povos antigos não significava apenas acreditar na existência dessas divindades, mas, também demonstrar e prestar as devidas honras, como oferecer-lhes os méritos de uma boa colheita, de uma vitória na guerra, ou outra forma de preservar o elo que se acreditava existir entre os seres mortais e imortais.

A piedade, exemplificada através dos mitos, conseguiu nos dar uma noção mais abrangente do que ela representava para esses povos. Um exemplo da prática da piedade pode ser encontrado nos versos 707-720, livro II da *Eneida*, obra do poeta Virgílio, quando Eneias, personagem principal da obra, leva consigo o seu pai, juntamente com os Penates, para fundar

² Ancestrais identificados como deuses que protegem os lares de seus descendentes e destes recebem cultos.

uma nova cidade, que, mais tarde, seria conhecida como a grande *Vrbis Condita*³. Eneias passa a receber a proteção dos deuses por ser um homem piedoso, no sentido amplo que o termo latino abrange: ele fazia rituais sagrados, honrava os deuses, sua família e sua pátria.

Outro episódio envolvendo a piedade que podemos tomar como exemplo, surge no livro de Gênesis, capítulo 22, vv.1-24, em que o deus tribal Yahweh⁴, para colocar Abraão à prova, pede que lhe ofereça seu filho em sacrifício. Pelo temor e respeito ao deus, Abraão recebe um sinal divino através de um anjo, que surge para impedir que o menino seja sacrificado em honra a Yahweh, ao passo que aparece em seguida um carneiro, preso pelos chifres, para, então, substituir Isaac, que antes ocupava o local de vítima sacrificial. A piedade de Abraão, portanto, salvou seu filho, Isaac, e recebeu honra por parte do deus.

Os homens que praticavam a piedade foram separados, pelos deuses, dos que não exerciam esse importante papel religioso. Aqueles passavam a ser vistos como exemplos para o restante da humanidade. Isto pode ser exemplificado através do verso 366 do mito de Deucalião e Pirra, presente nas *Metamorfoses*, no qual temos “*hominumque exempla manemus*” (*permanecemos como exemplos dos homens*, tradução própria), parte final da fala da personagem Deucalião, falando à esposa que, de todos os seres humanos, apenas eles foram os únicos sobreviventes, poupados para servir de exemplo para a geração futura. No entanto, todos os que não honraram os seres divinos, não os temiam, foram submetidos a fins catastróficos, segundo o que nos revelam as mais variadas narrativas míticas.

Nas *Metamorfoses* do poeta Ovídio, podemos ver algumas similaridades com o episódio acerca do dilúvio vivido por Noé e a sua família. Na obra latina, além de Deucalião e Pirra, que também foram poupados do dilúvio pelos deuses, surge outro casal como um grande exemplo de piedade: Báucis e Filêmon, mesmo em meio às dificuldades, não desonram os deuses, e acabam sendo preservados por Júpiter de um dilúvio que colocaria um fim à raça impiedosa que havia se instaurado na região da Frígia, local onde o casal habitava.

IMPIEDADE

A falta da *pietas*, por sua vez, ficou conhecida por nós como *impiedade*. O termo tem um sentido forte na língua grega, na qual o correspondente é *ἀ-σέβεια*, marcado pelo alfa, que denota total privação de piedade, de temor aos deuses; daí, temos o verbo *ἀ-σέβω*, que

³ A cidade fundada: Roma.

⁴ Uma das formas de se tentar pronunciar o nome do antigo deus tribal *Yhwh* –יְהוָה–; deus de Moisés e do antigo povo hebreu que, mais tarde, passaria a ser visto como o pai de Jesus de acordo com as escrituras sagradas.

significa, portanto, “ser ímpio, cometer crimes ou sacrilégios, profanar.” (URBINA, 2014, p. 89).

Uma vez que se honrava os deuses, tinha-se a proteção e o auxílio deles, mas, quando não se era piedoso, ou quando se honrava um ou outro e desprezava as demais divindades, as consequências poderiam ser terríveis, pois a aniquilação divina colocaria um fim não apenas para os que causaram tamanha desmedida, mas para tudo e todas as coisas das quais estes faziam parte e/ou tocavam.

Exemplos de impiedade são apontados nas narrativas míticas, como o que o poeta grego Hesíodo traça em sua obra *Trabalhos e dias*, o perfil de homens, pertencentes à raça de prata, que escolheram praticar a impiedade:

*ἀλλήλων ἀπέχειν, οὐδ' ἀθανάτους θεραπεύειν
ἤθελον οὐδ' ἔρδειν μακάρων ἱεροῖς ἐπὶ βωμοῖς,
ἢ ἢ θέμις ἀνθρώποις κατὰ ἤθεα. τοὺς μὲν ἔπειτα
Ζεὺς Κρονίδης ἔκρυψε χολοῦμενος, οὐνεκα τιμᾶς
οὐκ ἔδιδον μακάρεσσι θεοῖς οἱ Ὀλυμπον ἔχουσιν.
αὐτὰρ ἐπεὶ καὶ τοῦτο γένος κατὰ γαῖα κάλυψε*

Não queriam honrar os imortais
nem fazer sacrifícios sobre os altares sagrados dos bem-aventurados,
donde [esta] era a lei para os homens, segundo os costumes.
Então Zeus Cronida os escondeu, irritando-se, porque não davam honras
aos deuses bem-aventurados, os que possuem o Olimpo;
Por outra parte, quando também esta raça ocultou sob a terra
(HESÍODO, *Trabalhos e dias*, v. 135-140, tradução própria).

Além deste episódio de impiedade narrado por Hesíodo, temos outro marcante, presente no Canto IX da *Ilíada*, a partir do verso 533, que fala sobre a impiedade de Eneu por não ter incluído Ártemis em suas oferendas. A deusa, desprezada, envia um javali para os campos de Eneu como castigo. O animal sai devastando tudo, destruindo as plantações carregadas de frutos (v. 542). O javali enviado por Ártemis só é contido por Meleagro, filho de Eneu, que mata o animal. Esse episódio envolvendo o javali de Cálidon e Meleagro é recontado por Ovídio no livro VIII de suas *Metamorfoses*, entre os versos 260-297.

Como dissemos anteriormente, a impiedade praticada pelos homens os levou a fins terríveis, que, dentro das narrativas míticas, são identificadas como punições divinas. Os mitos diluvianos trazem essa relação do homem piedoso que é poupado pelos deuses e, dos homens impiedosos sendo aniquilados com águas. É sobre essas questões envolvendo essas narrativas diluvianas que iniciaremos a segunda seção do nosso trabalho, apresentando

brevemente duas das mais antigas versões do mito narradas aos povos da antiga Mesopotâmia.

O MITO DO DILÚVIO

O dilúvio é um dos mitos mais antigos de que temos conhecimento. Reproduzido diversas vezes desde as primeiras civilizações, o temível mito, como nos mostram suas mais diversas versões, esteve diretamente ligado à esfera religiosa, pois nele é narrada a insatisfação dos deuses em relação aos homens ímpios, que serão aniquilados com a elevação dos níveis das águas que inundam de forma parcial, ou total, a terra e todos quantos nela habitam.

Sempre há a exceção de um casal de homens piedosos, responsáveis pela renovação de todas as coisas após a grande inundação e, principalmente, pela propagação da religiosidade, como nos mostra Eliade, em sua obra *Mito e realidade*: “Numa fórmula sumária, poder-se-ia dizer que, para os primitivos, o Fim do Mundo já ocorreu [...] Eles contam como o mundo foi destruído e a humanidade aniquilada, com exceção de um casal ou de alguns sobreviventes” (ELIADE, 2016, p. 53).

Muitos passaram, então, a acreditar que o dilúvio realmente existiu em algum momento da história: um dilúvio universal que deixou grandes lembranças na memória de seus sobreviventes e que os levou à necessidade de recontar esse grande acontecimento na história da humanidade às futuras gerações.

Para Paul Kriwaczek, o dilúvio mesopotâmico surgiu para criar uma cesura na história: “entre a era do mito e o tempo da lenda, fica o dilúvio; entre a tradição oral e o registro escrito, fica a grande inundação” (KRIWACZEK, 2018, p. 92), como uma forma de demarcar no tempo a separação entre o tempo do mito e o tempo histórico, entre o fim de uma era e o início de outra.

Na obra *Babilônia: a Mesopotâmia e o surgimento da civilização*, Paul Kriwaczek nos relata a existência de uma versão do dilúvio datada de aproximadamente 1800 a.C., na qual um rei sobrevive à grande catástrofe e recebe dos deuses a imortalidade como recompensa. Outra versão relatada por Paul, refere-se à que pode ser encontrada na *Epopeia de Atrahasis*, escrita no século XVII a.C. Em *Atrahasis* é dito que o deus supremo chamado por Enlil decidiu destruir a humanidade com um dilúvio, por conta da insônia, em decorrência do barulho excessivo produzido na terra pelos povos que haviam se multiplicado.

O dilúvio também é narrado na famosa obra conhecida como *Epopéia de Gilgámesh*, datada do século XIII-XII a.C., na qual a personagem Gilgámesh, quinto rei de Úruk, a fim de se tornar imortal, vai em busca de Uta-napíshti, que relata ao rei o grande dilúvio enfrentado por ele juntamente com sua esposa e animais dentro de uma arca. Logo após a grande inundação, Uta-napíshti e sua esposa receberam dos deuses algo incomum, jamais concedido a outros homens: a imortalidade.

Na versão bíblica, presente no livro do Gênesis, nos capítulos 6, vv. 17-22, e 7, vv. 1-24, nos deparamos com uma narrativa acerca do dilúvio estritamente ligada à piedade. O deus Yahweh revela à personagem Noé sua vontade de exterminar a humanidade com um dilúvio universal⁵, como forma de castigo pela impiedade dos homens, mas com exceção de Noé, sua esposa e filhos, juntamente com um casal de cada espécie de animal existente na terra, para que, juntos, adentrassem a arca que deveria ser construída e nela permanecessem durante quarenta dias e quarenta noites e, só depois, através de um aviso do deus, pudessem sair da arca e repovoar a terra com uma nova geração de homens e animais.

O desejo divino em destruir a raça humana por decorrência da impiedade, como vimos na versão bíblica do mito, permaneceu o mesmo nas demais versões narradas por autores como Ovídio, que traz o dilúvio causado por uma decisão divina, mas com uma nova roupagem. Na versão narrada pelo autor latino, após o dilúvio, ocorre o repovoamento da terra, assim como na versão bíblica, e também a representação de uma aliança entre os deuses e os homens. Porém, o autor emprega uma nova característica ao mito, nas *Metamorfoses*: o surgimento de novas espécies de seres vivos em decorrência das antigas formas de vida transformadas para novos corpos através de mutações.

O DILÚVIO NAS *METAMORFOSES*, DE OVÍDIO

Publius Ovidius Naso, ou Ovídio, como o chamamos, nasceu em Sulmo em 43 a.C., e escreveu grande parte de suas obras em dísticos elegíacos⁶. Em sua famosa obra *Metamorfoses*, Ovídio apresenta narrativas acerca das diversas mutações envolvendo suas personagens.

Composta por quinze livros escritos em hexâmetros dactílicos, com cerca de 250 mitos, as *Metamorfoses* continuam sendo consideradas uma das obras mais aclamadas sobre mitologia, e seus mitos servem ainda hoje de inspiração para composições e estudos que

⁵ Gênesis 7, v. 11-24.

⁶ Metro utilizado pelos poetas greco-romanos na construção de elegias e epigramas, composto por uma estrofe de dois versos dactílicos, o primeiro formado por um hexâmetro (seis pés) e, o segundo, por um pentâmetro (cinco pés), estruturados da seguinte forma:

- ~ | - ~ | - ~ | - ~ | - ~ | - x (hexâmetro)

- ~ | - ~ | - | - ~ | - ~ | x (pentâmetro)

envolvem diversas áreas de conhecimento como filosofia, psicologia, linguística, literatura etc.

No primeiro livro da obra de Ovídio, temos uma narrativa acerca da criação que surge de um caos primitivo, uma desordem já existente, e que, através do auxílio divino, passa a ser organizado e estabelecido como algo melhor, algo perfeito, chamado pelo poeta de “*melior natura*”, no verso 21. Assim como o caos teve seu papel fundamental para que houvesse uma harmonia na natureza, há também o fim dessa “*melior natura*”, para que tudo volte ao início outra vez e uma renovação de todas as coisas terrenas possa existir.

Ainda no livro I das *Metamorfoses*, nos versos 253-312, temos o primeiro mito acerca do dilúvio narrado por Ovídio, envolvendo personagens divinas e o casal Deucalião e Pirra, em um processo de ordenação do cosmos. Sobre os mitos acerca do dilúvio, Mircea Eliade afirma em *Mito e realidade*: “Os mitos do Dilúvio são os mais numerosos e quase universalmente conhecidos (embora extremamente raros na África)” (ELIADE, 2016, p. 53).

Antes mesmo de ser definida como a destruição ocorreria, os deuses se reuniram em assembleia para discutirem juntos sobre qual seria a melhor forma para que isso pudesse de fato acontecer. É cogitada pelas divindades a possibilidade de uma destruição através do fogo (versos 253-255), com o lançamento de um raio pelas mãos do deus Júpiter, que atingiria toda a extensão da terra. Mas, essa destruição colocaria em risco também o Olimpo e as próprias divindades, pois os deuses haviam se lembrado de uma teoria defendida pelos fados⁷ de que, um dia, o fogo arruinaria todo o universo. Daí, então, é escolhida a melhor forma de destruição do gênero humano: o dilúvio global.

Nos versos 259-261, Ovídio nos revela como deveria ser a catástrofe que poria um fim à raça ímpia de homens que povoavam a terra: “*tela reponuntur manibus fabricata Cyclopum; poena placet diuersa, genus mortale sub undis perdere et ex omni nimbos demittere caelo*”, que podemos traduzir por: “os dardos, fabricados pelas mãos dos ciclopes, são tomados; a pena diferente agrada [aos deuses], o gênero mortal sob águas destruir e deixar cair nimbos de todo o céu”. Em seguida, ocorre uma série de ações para que a decisão divina seja executada, como veremos a seguir com os versos 262-291:

Protinus Aeoliis Aquilonem claudit in antris / et quaecumque fugant inductas
flamina nubes, / emittitque Notum. madidis Notus euolat alis, / terribilem

⁷ Versos 256-258, das *Metamorfoses*, que remetem à teoria estoica de que, o fim através do fogo, representa o retorno aos primórdios, ao fogo que deu origem ao universo. Escolher o fogo como meio de encerrar um ciclo da humanidade colocaria em risco os próprios deuses, visto que tudo seria retomado ao início, bem ilustrado por Ovídio no livro I, nas *Metamorfoses*, ao narrar sobre as origens do mundo, em que tudo era caos. No caos não havia Titãs, nem deuses, mas apenas elementos, opondo-se uns contra os outros (versos 5-20).

picea tectus caligine uultum; / barba grauis nimbis, canis fluit unda capillis, / fronte sedent nebulae, rorant pennaque sinusque. / utque manu late pendentia nubila pressit, / fit fragor: hinc densi funduntur ab aethere nimbi. / nuntia Iunonis uarios induta colores / concipit Iris aquas alimentaue nubibus adfert; / sternuntur segetes et deplorata colonis / uota iacent, longique perit labor inritus anni. / Nec caelo contenta suo est Iouis ira, sed illum / caeruleus frater iuuat auxiliariis undis. / conuocat hic amnes: qui postquam tecta tyranni / intrauere sui, ‘non est hortamine longo / nunc’ ait ‘utendum. uires effundite uestras / (sic opus est), aperite domos ac mole remota / fluminibus uestris totas immittite habenas.’ / iusserat; hi redeunt ac fontibus ora relaxant / et defrenato uoluuntur in aequora cursu. / ipse tridente suo terram percussit; at illa / intremuit motuque uias patefecit aquarum. / exspatiata ruunt per apertos flumina campos / cumque satis arbusta simul pecudesque uirosque / tectaque cumque suis rapiunt penetralia sacris. / si qua domus mansit potuitque resistere tanto / indeiecta malo, culmen tamen altior huius / unda tegit pressaque latent sub gurgite turres. / iamque mare et tellus nullum discrimen habebant;

Imediatamente Éolo tranca o Aquilão nos antros. / E quaisquer ventos que afugentam as nuvens induzidas, / emite o Noto. Com úmidas asas o Noto voa, / tendo coberto o terrível rosto com a negra caligem; / A barba pesada de nimbos⁸, a água flui dos brancos cabelos, / na frente tomam assento as névoas, e rorejam penas e seios. / Quando, com a mão larga, pendentes nuvens pressionam frequentemente, / Faz-se o fragor: daqui, densas nuvens são fundidas do éter. / A anunciante de Juno, revestida com variadas cores / contraí, **Íris**, as águas e o alimento para as nuvens leva. / São abatidas as terras semeadas dos colonos e os deploráveis / votos jazem, e perece o labor de um ano longo. / Nem contentou-se com o seu céu a ira de Júpiter, mas aquele / cerúleo irmão⁹ ajuda com águas auxiliares. / Convoca este os rios: que, depois que nos tetos do seu tirano¹⁰ / entraram, diz: ‘não se deve utilizar-se de longa exortação / agora. Efundi vossas forças / (assim é necessário), abri [vossas] casas e, removido o dique, / Soltai todos os freios de vossas correntes de águas’. / Ordenara; estes voltam, e afrouxam as bordas das fontes / e são rolados para o mar num curso desenfreado. / Ele próprio, **com o seu tridente percutiu a terra**; e ela, / Estremecida com o movimento, abre as vias das águas. / Espalhadas as correntes de águas, precipitam-se pelos campos abertos / com as searas, ao mesmo tempo que raptam arbustos, rebanhos e homens, / e tetos e santuários com seus objetos sagrados. / Se alguma casa permaneceu e pôde resistir / intacta a tanto mal, o cume, mais alto que esta / a água cobre e, premidas, as torres se escondem sob o abismo. / Já mar e terra tinham **nula separação** (OVÍDIO, *Metamorfoses*, v. 262-291, tradução própria).

Destacamos em negrito alguns elementos presentes nos versos acima, para que possamos entender um pouco sobre como o dilúvio nos dá a noção cíclica de um fim que sempre retorna ao início de tudo outra vez, como já fora mencionado por nós anteriormente a respeito dos primeiros versos do livro I da obra de Ovídio.

⁸ Nuvens carregadas de chuvas.

⁹ Netuno.

¹⁰ Termo utilizado para referir-se ao rei dos infernos, Plutão, ou dos mares, Netuno.

A participação de elementos primordiais, responsáveis pela manutenção do ciclo de renovação do cosmos surgem, nos versos correspondentes ao mito do dilúvio, participando ativamente na execução do plano divino de exterminar a raça humana. Íris, a mensageira dos céus, que traz o seu arco colorido como um sinal de bom presságio após o fim de grandes desgraças, é convocada, no verso 271, para encher as nuvens com água, para que a chuva possa inundar a terra por completo. Outro momento marcante deste mito encontra-se nos versos 275-280, quando o deus Júpiter dá ordem ao seu irmão, Netuno, para abalar a terra com seu poderoso tridente, dando, assim, curso livre às águas.

Depois que ocorre o grande dilúvio, Ovídio nos mostra que tudo retorna ao caos através da nula separação entre mar e terra, para que, depois, tudo possa ser reconfigurado outra vez. Algo muito semelhante ao que nos é narrado no início da obra, com o caos primitivo e a organização dos elementos primordiais: “*ligavit concordi pace*” (*ligou em paz concordante*, tradução própria), verso 25, livro I, sendo atribuídos a seus devidos lugares pela divindade criadora, desencadeando, assim, na criação do universo.

Após o dilúvio, os níveis das águas diminuem e os deuses revelam a Deucalião e Pirra, único casal piedoso sobrevivente, as promessas para o futuro da humanidade. Sobre esse movimento cíclico do qual estamos falando, Eliade nos diz que “o retorno à origem oferece a esperança de um renascimento.” (ELIADE, 2016, p. 32).

Mas, por que o dilúvio não exterminou por completo a humanidade? Se a impiedade havia sido implantada na terra, e os deuses passaram a rejeitar uma de suas maiores criações, o homem, por que sempre um casal deveria ser preservado do cataclisma? Trataremos destas questões na terceira e última seção do nosso trabalho.

O FIM É MELHOR QUE O COMEÇO? A MENSAGEM POR TRÁS DO DILÚVIO E O QUE NOS DIZ O REI SALOMÃO, NO LIVRO DE ECLESIASTES, A RESPEITO DESSE TEMA QUE SE FEZ TÃO PRESENTE NO COTIDIANO DOS POVOS ANTIGOS

Iniciamos a nossa última seção com a seguinte pergunta: *O Fim é Melhor que o Começo?* Pois, isso nos leva a uma série de questionamentos, como a de que todo e qualquer fim seja melhor que qualquer começo. Por alguma razão, isso esteja relacionado com a ideia repassada da antiguidade para as gerações futuras: a ideia de que um único fim, ou “o fim do mundo”, virá como uma espécie de salvação para os homens que ainda convivem com aqueles que mancham a terra com seus atos impiedosos.

As *Metamorfoses* do poeta Ovídio indicam os reais motivos para que os deuses decidam poupar do dilúvio um casal de homens, que estão escritos nos versos 247-249, no mito de Licáon, que antecede o mito do dilúvio. No excerto, Ovídio mostra uma preocupação dos deuses com o futuro da humanidade, que seria extinta pelas águas, pois isso afetaria diretamente o futuro dos seres divinos: “*omnibus et quae sit terrae mortalibus orbae forma futura rogant, quis sit laturus in aras tura, ferisne paret populandas tradere terras*”, que podemos traduzir por “e qual seja a forma futura da terra privada de todos os mortais, perguntam, quem haverá de levar incensos para as aras? Visto que ele [Júpiter] prepara as terras que hão de ser devastadas para entregá-las às feras”. Essa preocupação que se faz presente nos versos finais do mito de Licáon não surge à toa. Os homens sempre foram responsáveis por levar a mensagem dos deuses às gerações futuras. Colocar um fim ao gênero humano sem possibilidades de renovação, seria o mesmo que destruir a própria essência divina, pois a função dos homens é manter viva a religiosidade e os mitos que dela fazem parte.

No livro de Eclesiastes, escrito originalmente em hebraico durante o período de 450 e 180 a.C., o rei Salomão trata de questões acerca da vida, a partir de suas próprias experiências, a partir de suas reflexões sobre as melhores maneiras de se viver as coisas terrenas.

No capítulo 1, versos 3-10, Salomão nos revela uma importante mensagem para a humanidade e que podemos relacionar com o dilúvio, tendo em vista que a grande catástrofe representou o próprio fim do mundo para um determinado povo:

3 τίς περισσεΐα τῷ ἀνθρώπῳ ἐν παντὶ μόχθῳ αὐτοῦ, ᾧ μοχθεῖ ὑπὸ τὸν ἥλιον;/
 4 γενεὰ πορεύεται καὶ γενεὰ ἔρχεται, καὶ ἡ γῆ εἰς τὸν αἰῶνα ἔστηκεν. / 5 καὶ ἀνατέλλει ὁ ἥλιος καὶ δύνει ὁ ἥλιος καὶ εἰς τὸν τόπον αὐτοῦ ἔλκει· (;) / 6 ἀνατέλλων αὐτὸς ἐκεῖ πορεύεται πρὸς νότον καὶ κυκλοῖ πρὸς βορρᾶν· κυκλοῖ κυκλῶν, πορεύεται τὸ πνεῦμα, καὶ ἐπὶ κύκλους αὐτοῦ ἐπιστρέφει τὸ πνεῦμα./ 7 πάντες οἱ χεῖμαρροι, πορεύονται εἰς τὴν θάλασσαν, καὶ ἡ θάλασσα οὐκ ἔσται ἐμπιπλαμένη· εἰς τόπον, οὗ οἱ χεῖμαρροι πορεύονται, ἐκεῖ αὐτοὶ ἐπιστρέφουσιν τοῦ πορευθῆναι. / 8 πάντες οἱ λόγοι ἔγκοποι· οὐ δυνήσεται ἀνὴρ τοῦ λαλεῖν, καὶ οὐκ ἐμπλησθήσεται ὀφθαλμὸς τοῦ ὄραν, καὶ οὐ πληρωθήσεται οὕς ἀπὸ ἀκροάσεως. / 9 τί τὸ γεγονός, αὐτὸ τὸ γενησόμενον· καὶ τί τὸ πεποιημένον, αὐτὸ τὸ ποιηθησόμενον· καὶ οὐκ ἔστιν πᾶν πρόσφατον ὑπὸ τὸν ἥλιον./ 10 ὃς λαλήσει καὶ ἐρεῖ Ἴδὲ τοῦτο καὶ νὸν ἔστιν, ἤδη γέγονεν ἐν τοῖς αἰῶσιν τοῖς γενομένοις ἀπὸ ἔμπροσθεν ἡμῶν.

Qual é a vantagem para o homem, em todo o seu trabalho, para o qual afadiga-se sob o sol? Uma geração vai e outra geração vem, e a terra se mantém para a eternidade. O sol sai e o sol se esconde, e move-se para o lugar dele mesmo; o mesmo, nascendo ali, caminha para o Noto e gira para o Bóreas. O sol, girando, circula. O vento vem e o vento volta para os círculos

dele. Todos os torrenciais caminham para o mar e o mar não estará cheio. Os torrenciais caminham para o lugar deles [de origem]; os mesmos voltam para lá [para] sair de novo. Todas as palavras são fatigantes; o homem não será capaz de falar, o olho não se saciará de ver e o ouvido não se satisfará da escuta. Aquilo que veio a ser é o mesmo que haverá de vir a ser, e aquilo que foi criado é o mesmo que haverá de ser criado, e tudo não é novo sob o sol. Alguém balbuciará e dirá: “Vê: Isto é novo?” [isto] já existiu nos tempos que se sucederam antes de nós. (*Eclesiastes*, capítulo I, v. 3-10).

Os escritos de Salomão dialogam diretamente com o verso 18, no capítulo 45 do livro de Isaías, o qual mostra que: “Pois assim diz Jeová, O Criador dos céus, o verdadeiro Deus, aquele que formou a terra e que a fez, aquele que a estabeleceu firmemente, que não a criou simplesmente para nada, mas a formou para ser habitada” (*Bíblia Sagrada*, 2015, p. 1029). Estes versos nos revelam que o deus judaico-cristão, colocando um único fim em toda a sua criação, estaria se autodestruindo, e tornando vã toda a sua empresa de construir o universo e os seres que nele habitam.

Para mostrar que a vontade divina sempre foi a de renovar o cosmos, o apóstolo João nos traz a seguinte mensagem no livro de Apocalipse 21, vv. 1-2;5: “Vi um novo céu e uma nova terra, pois o céu anterior e a terra anterior tinham passado, e o mar já não existia. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém [...] Aquele que estava sentado no trono disse: ‘Veja! Estou fazendo novas todas as coisas’.” (*Bíblia Sagrada*, 2015, p. 1719).

Logo, podemos observar que nunca partiu dos deuses o desejo de aniquilar todas as coisas por completo, e que essas narrativas acerca do fim do mundo, como as diluvianas, surgiram para transmitir a mensagem de que todos os ciclos se repetem, que todos os acontecimentos surgem e findam-se para que todas as coisas retornem ao início outra vez.

O dilúvio, como um grande exemplo de fim para determinados povos citados nas narrativas míticas, desempenhou um grande papel para que houvesse uma (re)organização cósmica e, por conseguinte, uma renovação através de seus sobreviventes, o que podemos chamar por segundo grande momento no “fim do mundo”; momento este em que os deuses só podem reorganizar o universo depois de a impiedade ter sido aniquilada por completo da humanidade: “O dilúvio abriu o caminho para uma recriação do mundo e, simultaneamente, para uma regeneração da humanidade.” (ELIADE, 2016, p. 54).

Logo após a (re)organização cósmica, temos a renovação de todas as coisas, como nomeamos por segundo grande momento no ‘fim do mundo’. Esse segundo grande momento também se faz presente nas *Metamorfoses*, através de Deucalião e Pirra, como já fora mencionado. O processo de renovação encaminha-se para sua conclusão quando os deuses ordenam ao casal para lançar pedras do alto do monte Parnaso, a fim de que uma nova raça de

homens seja gerada. Nas narrativas bíblicas, o processo se inicia com a procriação dos casais de cada espécie de animal separados por Noé, e por seus descendentes. Porém, a renovação só está, de fato, completa com a propagação das crenças, que acabam sendo transmitidas de uma geração para outra, visto que, embora esses deuses sejam autoexistentes, eles dependem de que esses novos homens sejam piedosos como foram seus ancestrais, para que seja preservado tudo aquilo que diz respeito às coisas sagradas. Pois, estas coisas desempenham, sobretudo, um grande papel civilizador ao homem, mostrando realmente os motivos de sua existência terrena, como parte do divino, dando-lhes sentido à vida aqui, na terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos apontamentos feitos nesse trabalho, pudemos observar um pouco do processo que envolve a vida do homem na terra. Passando pelos mitos, como narrativas sobre os mais variados tipos de coisas e seres sagrados, o homem foi se envolvendo cada vez mais nessa esfera mitológica seguida pela religiosidade, que os levou à busca por respostas, auxílio e proteção advinda das potências divinas, sejam elas personificadas ou não.

Este processo envolvendo o homem e o divino, que perdura até os nossos dias, foi narrado por autores das mais variadas culturas. Traços de piedade e impiedade, sempre marcantes, fizeram parte dessas histórias, revelando-nos as vontades dos deuses sobre suas criações. O dilúvio surge, dentro dessas narrativas míticas, com um importante papel de a divindade criadora – ou divindades –, demarcar no tempo o fim de um período, sob a justificativa da necessidade da destruição da terra pelas águas do dilúvio, em decorrência da impiedade do homem. E o cataclisma, então, surge para que o universo possa ser lavado pelo dilúvio, que leva consigo toda a impureza que havia predominado.

Nas narrativas que escolhemos analisar, vimos deuses sempre poupando um casal de homens piedosos para participar dessa grande catástrofe ambiental, que é o dilúvio. Personagens como Noé, Deucalião e Pirra, Báucis e Filêmon, puderam ver de perto, como nos é relatado em seus mitos, a destruição e a renovação da terra, por vontade divina. Estas personagens, dentro de seus barcos, navegaram por um certo período até que a destruição fosse concluída, e, só depois, puderam descer de seus barcos e pisar em terra recém inundada para prestar seus cultos e honras aos deuses e repovoar a terra, tornando por completo o processo de organização cósmica.

Nosso objetivo com essa pesquisa foi, sobretudo, ressaltar a importância de se conhecer mais os textos dos quais ouvimos falar sobre as temáticas da origem e do fim do

mundo, que representam a jornada do homem na terra. Através de nossa investigação, pudemos refletir sobre o verdadeiro papel do fim do mundo dentre as narrativas míticas, como as bíblicas e as Ovidianas, nosso principal material de estudo neste trabalho. Com essas narrativas sobre o dilúvio que marcou para sempre a história dos povos antigos, vimos o fim desempenhando um papel muito mais importante que o do começo, pois este só surge depois que todas as coisas sejam reorganizadas, tendo em vista que no início era caos e, não, organização.

O fim representa o primeiro passo, o caminho para a ordenação de todas as coisas do universo. É o verdadeiro movimento de atividade contínua da criação, mostrando que não há um único fim do mundo, mas fins e recomeços; recomeços com homens pios que tornam vivas todas as coisas que dizem respeito à religiosidade, à crença nos deuses, que (re)direcionam tudo para o início outra vez, como uma mensagem para o amanhã.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução do Novo Mundo. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2015.
- DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Tradução: André Telles e Gilza Martins Saldanha da Gama. Brasília: UNB, 1992.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução: Pola Civelli. 6. ed. de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire Latin-Français*. 9. ed. Paris: Editora Hachette, 2001.
- GRIMAL, Pierre. *Mitologia grega*. Tradução: Rejane Janowitz. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- GUIMARAES, Mariângela Areal. *O corporal e o incorporal na ontologia estóica*. Disponível em: https://www.academia.edu/1015612/O_corporal_eo_incorporal_na_ontologia_est%C3%B3ica. Acesso em: 14 jul. 2020.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução: Luiz Otávio de Figueiredo Mantovanelli. São Paulo: Editora Odysseus, 2011.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Tradução: Jaa Torrano. 2. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2015.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Editora Penguin Classics; Companhia das Letras, 2013.
- KRIWACZEK, Paul. *Babilônia: a Mesopotâmia e o nascimento da civilização*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2018.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução: Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI. *Ele que o abismo viu: a epopeia de Gilgámesh*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

URBINA, José María Pabón de. *Diccionario Manual Griego-Español*. Barcelona: Vox Lenguas Clásicas, 2014.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.